

ESTUDOS SOBRE A TEOLOGIA BÍBLICA

DO ANTIGO TESTAMENTO

VOLUME 4

A hand holding a diamond over water. The background is a deep blue gradient. In the upper right, a hand is shown holding a large, clear diamond. The diamond is positioned just above a surface of water, which shows ripples and a reflection of the diamond. The overall mood is serene and precious.

o Deus que cura

MICHAEL L. BROWN

Sumário



Prefácio à série	11
Prefácio do autor	13
Abreviações	19
Introdução	25
0.1 Propósito	25
0.2 Metodologia	32
0.3 A linguagem de cura do Antigo Testamento	38
0.3.1 A raiz <i>rāpā</i> ³ : discussão léxica e etimológica	38
0.3.2 A raiz <i>rāpā</i> ³ : o uso e o sentido no Antigo Testamento	47
0.3.3 A linguagem de cura no Antigo Testamento: vocabulário adicional	51
0.4 A terminologia do Antigo Testamento para doença	61
0.5 Um comentário sobre a literatura citada	61
1. Os médicos humanos e a cura praticada pelas deidades	65
1.1 Introdução e geral	65
1.2 Os médicos humanos	69
1.2.1 Os médicos humanos no Egito e na Mesopotâmia da Antiguidade	69
1.2.2 Os médicos humanos em Canaã e em Israel	77
1.3 As deidades que curam	96
1.3.1 As deidades que curam no Egito e na Mesopotâmia da Antiguidade	96
1.3.2 As deidades que curam na Síria-Canaã da Antiguidade	103
1.3.3 Asclépio/Esculápio	108

1.4 Uma amostra das percepções judaicas e cristãs	
da cura humana e da cura divina	111
1.4.1 As percepções judaicas	111
1.4.2 As percepções cristãs	117
2. O Deus que cura na Torá e nos livros históricos	127
2.1 Introdução: Um Deus, um Médico	127
2.2 Fundamentos na Torá	132
2.2.1 Êxodo 15.26	136
2.2.2 As bênçãos e as maldições	151
2.2.3 A promessa de vida longa	154
2.2.4 A promessa de fertilidade	157
2.2.5 Deuteronômio 32.39 e o golpe e cura divinos na Torá	165
2.2.6 A “escala de doenças” contagiosas e o pecado	
na Torá e nos livros históricos	178
2.2.7 Êxodo 4.10-12	187
2.3 O golpe e a cura divinos nos livros históricos	188
2.3.1 A doença como uma maldição/ato de julgamento	
nos livros históricos	191
2.3.2 A cura profética nos livros históricos	198
2.3.3 2Reis 18.4 e <i>ḥūsbān</i>	208
2.3.4 A raiz <i>rāpā</i> em 1Reis 18.30; 2Reis 2.21-22; 2Crônicas 7.14; 30.20	209
3. O Deus que cura na poesia e na literatura de sabedoria	219
3.1 O livro de Salmos	219
3.1.1 A doença e a cura em Salmos: panorama geral	219
3.1.2 A classificação dos salmos de doença e cura	222
3.1.3 Os elementos característicos dos salmos de doença e cura	224
3.1.4 A condição física, emocional, espiritual e social	
do peticionário seriamente doente	231
3.1.5 O pecado, a doença e os “inimigos”	245
3.1.6 “Um pé na cova”	251
3.1.7 “Os vivos, somente os vivos, te louvam” (Is 38.19a)	258
3.1.8 A doença como punição	267
3.1.9 O médico que cura todas as doenças (Sl 103; 146; 147)	275

3.1.10 Salmos 91: um salmo de proteção divina	281
3.1.11 Os salmos de doença e cura na vida e na liturgia de Israel	287
3.2 O livro de Provérbios	291
3.2.1 A sabedoria como o caminho de vida e cura	291
3.2.2 Provérbios 3.7-8	297
3.2.3 Os termos <i>marṣē</i> e <i>ʾên marṣē</i> : “tratamento, remédio, cura” e “sem tratamento, sem remédio, sem cura”	299
3.2.4 Mais observações psicossomáticas	304
3.3 O livro de Jó	306
3.3.1 Panorama geral	306
3.3.2 Os personagens principais	310
3.3.3 Epílogo: A moral da história	329
3.4 O livro de Eclesiastes	334
4. O Deus que cura nos livros de profecia	337
4.1 Os profetas e a restauração de Israel	337
4.1.1 O “pecado-doença” de Israel e sua “cura”	341
4.1.2 A “cura” em Oseias	343
4.1.3 A “cura” em Jeremias	351
4.1.4 A “cura” em Isaías	359
4.1.5 Os pastores incrédulos e a “cura” do rebanho	370
4.2 A “cura” final das nações e de Israel	372
4.2.1 Os profetas e as nações	372
4.2.2 A “cura” escatológica de Israel	374
5. O Deus que cura no Novo Testamento	385
5.1 A cura no Antigo Testamento e a cura no Novo Testamento	385
5.1.1 Continuidade e Descontinuidade	385
5.1.2 O vocabulário de cura do Novo Testamento	394
5.2 Aspectos do ministério de cura de Jesus, o Messias	399
5.2.1 A cura e o reino de Deus	400
5.2.2 A cura e o jubileu escatológico	403
5.2.3 A cura e o Espírito Santo	406
5.2.4 A cura e o sábado	410
5.2.5 A cura e a compaixão	413

5.2.6 A cura e a fé	415
5.2.7 A cura e a autenticação de Jesus como Messias	417
5.3 A doença, Satanás, o pecado e o sofrimento	421
5.3.1 A doença e Satanás, os demônios e a doença	421
5.3.2 A doença e o pecado	424
5.3.3 A doença e o sofrimento	427
5.4 A cura no Novo Testamento como um paradigma para a relação entre os testamentos	433
6. Conclusões e reflexões	435
6.1 Sumário e conclusões	435
6.1.1 A doença como uma maldição; a cura como uma bênção	435
6.1.2 O Deus que cura	436
6.1.3 Os médicos e a prática médica	437
6.1.4 A doença, o pecado, a punição e a cura	438
6.1.5 A cura profética e o reino de Deus	440
6.1.6 O <i>continuum</i> e cumprimento do Novo Testamento	441
6.2 Reflexões teológica e prática	442
Bibliografia selecionada	447

Introdução



0.1 PROPÓSITO

Este é um livro sobre o Deus que cura de acordo com o testemunho dos profetas e poetas, dos salmistas e sábios, dos historiadores e legisladores do Antigo Testamento. O livro não tenta estudar diacronicamente o conceito do Senhor como o *rôpē'* (“aquele que cura”) de Israel baseado em uma reconstrução crítica das fontes bíblicas¹ nem tenta determinar

¹ Embora essa abordagem seja às vezes produtiva, no meu julgamento ela também é cheia de dificuldades, uma vez que sua própria natureza se inclina muito em favor das hipóteses, em vez dos dados verificáveis. Cf. por exemplo, a pesquisa detalhada de opinião acadêmica em relação à autoria, fontes e datação do livro de Gênesis por V. P. Hamilton, *Genesis 1—17* (NICOT; Grand Rapids: Eerdmans, 1991), p. 111-38, em que a maioria das percepções apresentadas são mutuamente contraditórias, no todo ou em parte, a despeito da erudição de seus proponentes. Mesmo entre os estudiosos que concordam com uma fonte do Pentateuco específica como P, há com frequência uma grande disparidade na datação; cf. J. Milgrom, *Leviticus 1—16* (AB; Garden City, N.Y.: Doubleday, 1992), p. 3-13 (“The Antiquity of P”), com especial atenção às contribuições de B. A. Levine e A. Hurvitz. Para a abordagem canônica deste estudo, veja logo abaixo, cf. também os comentários de N. M. Sarna, *Genesis* (The JPS Torah Commentary; Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1989), p. xviii, em relação ao primeiro livro do Pentateuco: “Sejam quais forem seus méritos ou deméritos desse tipo de análise [documentária], não resta dúvida de que o livro de Gênesis nos chegou não como um composto de elementos díspares, mas como um documento unificado com uma vida, coerência e integridade suas mesmas”. É possível dizer o mesmo em relação às Escrituras como um todo (cf. abaixo, 0.2). Para uma defesa do método diacrônico da crítica da fonte para o propósito de exegese, veja W. D. Davies e D. C. Allison Jr., *The*

empiricamente se os milagres e curas da Bíblia ocorreram de fato.² Este estudo busca antes analisar sistematicamente o testemunho das Escrituras hebraicas, o texto sagrado da sinagoga e da igreja por dois milênios.

De acordo com o registro do Antigo Testamento, que importância estava ligada ao Senhor como *rôpê*? Como isso se relaciona com a aliança sinaítica e também com a batalha pela monolatria israelita e/ou monoteísmo? Como era percebida a doença no mundo bíblico e como se achava que a doença e o pecado (e poderes demoníacos) estão interligados? Os israelitas incapacitados eram vistos como impuros, inferiores ou sob julgamento divino? Os médicos de Israel consideravam estar em complementação ao Senhor ou em competição com ele? Há evidência bíblica para fusões populares ou “oficiais” de mágica, medicina e religião? Em que extensão os conceitos de doença e cura eram aplicados metaforicamente pelos profetas? Qual era, de acordo com a literatura de sabedoria, a fonte de cura? A “linguagem de cura” do Antigo Testamento reflete uma mentalidade decididamente holística? Em que extensão a esperança de uma profusão nacional (e até universal) de cura divina era escatológica? Há um contraste entre a teologia de cura divina do Antigo Testamento e do Novo Testamento? Essas são apenas uma amostra de algumas das questões que têm de ser tratadas.

No entanto, é impressionante observar que enquanto alguns desses temas são tratados individualmente; e outros, estudados de forma fragmentada, até o momento não foi realizada nenhuma síntese em grande escala do material relevante. O tratamento excelente de J. Hempel, *Heilung als Symbol und Wirklichkeit im biblischen Schriftum*, tem menos de oitenta pági-

Gospel According to Saint Matthew, vol. 1 (ICC; Edinburgh: T. & T. Clark, 1988), p. 1-7; B. A. Levine, *Numbers 1—20* (AB; Garden City, N.Y.: Doubleday, 1993), p. 48-50; S. Booren, “The Importance of a Diachronic Approach: The Case of Genesis-Kings”, *CBQ* 51 (1985), p. 195-208; J. A. Fitzmyer, “Historical Criticism: Its Role in Biblical Interpretation and Church Life”, *TS* 50 (1989), p. 244-59.

² H. C. Kee, antes de perguntar: “Os milagres aconteceram de fato?”, observa com acerto que “a pergunta hermenêuticamente anterior, e muito mais importante, é: O que o escritor da Antiguidade que relatou o evento entende haver ocorrido?” Veja sua obra *Miracle in the Early Christian World* (New Haven: Yale Univ. Press, 1983), p. 3.

nas e tem agora mais de 35 anos.³ Os importantes estudos de K. Seybold focava principalmente a doença, e a doença em Salmos.⁴ A pesquisa de K. Stendahl da raiz *rp'*, de modo geral, não toca na questão mais abrangente da doença e da cura divina.⁵ O estudo perspicaz de sessenta páginas de Êxodo 15.26 feito por N. Lohfink trata principalmente de questões literárias e da crítica.⁶ Os artigos recentes de H. Niehr e H. Rouillard, reconstruindo a

³ J. Hempel, *Heilung als Symbol und Wirklichkeit im biblischen Schriftum* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1958), publicado originalmente como *Nachrichten der Akademie der Wissenschaften in Göttingen, Philologisch-Historische Klasse*, I/3 (1958), p. 237-314 (essa monografia na forma de livro independente preserva a paginação original); idem, “Ich bin der Herr dein Arzt,” *ThLZ* 82 (1957), p. 809-26. Cf. também T. Struys, *Ziekte en Geneezing in het Oude Testament* (Kampen: Kok, 1968).

⁴ K. Seybold, *Das Gebet des Kranken in Alten Testament: Untersuchungen zur Bestimmung und Zuordnung der Krankheits- und Heilungspsalmen*, BWANT 99 (1973); “Krankheit und Heilung: Soziale Aspekte in dem Psalmen”, *BK* 20 (1971), p. 107-11; idem e U. B. Mueller, *Sickness and Healing*, trad. D. W. Stott (Nashville: Abingdon, 1981), p. 9-96 (essa é uma contribuição de Seybold, tratando o material do Antigo Testamento); cf. também C. Barth, *Die Erretung vom Tode in den individuellen Klage- und Dankliedern des Alten Testament* (Zollikon: Evangelischer Verlag, 1947); F. Michaeli, “Les malades et le temple dans l’Ancien testament”, *Église et Théologie* 21 (1958), p. 3-12; R. Martin-Achard, “La prière des malades dans le psautier d’Israël”, *Lumière et Vie* 86 (1968), p. 25-43 (também “Approche des psaumes”, *CTh* 60 [1969], p. 49-65).

⁵ K. Stendahl, “Gamla Testaments föreställningar om helandet. Raka’-utsagorna i kontext och ideologi”, *Svensk Exegetisk Årsbok* 15 (1950), p. 5-33. Ele, no início do seu estudo (5), também observa que *rp'* tem recebido pouca atenção no meio acadêmico, escolhendo entre outros o tratamento de *rp'* de J. J. Stamm em sua dissertação Basel de 1940, *Erlösen und Vergeben im A.T.*, como uma notável exceção. O tratamento de *rp'* de Stamm, no entanto, é enfraquecido pela ênfase (excessiva) na relação da raiz com o domínio semântico de “perdão”.

⁶ N. Lohfink, “‘Ich bin Jahwe, dein Arzt’ (Ex 15,26): Gott, Gesselschaft und menschliche Gesundheit in einer nachexilischen Pentateuchbearbeitung (Ex 15, 25b.26)”, em H. Merklein e E. Zenger, eds., *Ich will euer Gott werden: Beispiele biblischen Redens von Gott* (SBS 100; Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1981), p. 11-73. Não é de surpreender que Lohfink, que escreveu tanto sobre o livro de Deuteronomio, tenha dado atenção especial às questões da possível atividade editorial deuteronomista. Sobre a p. 14, n. 4, ele escreve: “Soweit ich sehe, gibt es bisher keine Arbeit, die sich thematisch mit Ex 15, 25f befasste”, apontando

história e origem do conceito de Iavé, o Médico, têm menos de quinze e de trinta páginas, respectivamente, e não podem, portanto, oferecer mais que esboços breves e especulativos.⁷ As monografias de W. Ebstein e A. Gemayel, junto com os concisos tratamentos, entre outros, de A. Lods, P. Humbert, C. Westermann, E. Neufeld, H. Weippert, W. Th. Im der Smitten, D. J. Simundson, D. W. Amundsen e G. B. Ferngren, G. F. Hasel, J. V. Kinnier-Wilson e D. J. Wiseman lidam principalmente com doença, medicina e saúde de uma perspectiva bíblica (principalmente do Antigo Testamento), embora não sem alguma reflexão teológica.⁸ Os estudos

que o estudo de Hempel de 1957 em *ThLZ* toma Êx 15.26 apenas como um tipo de “mottotitel”.

⁷ H. Niehr, “JHWH als Arzt: Herkunft und Geschichte einer Alttestamentlichen Gottesprädikation”, *BZ* 35 (1991), p. 3-17. Niehr traça boa parte do papel de Iavé como o Deus que cura de imagem solar e lugar proeminente das deidades solares no Oriente Próximo da Antiguidade; para mais discussão, veja abaixo 2.2.5 (sobre Dt 32.39) e 4.1.6 (sobre Ml 4.2[3.20]). Veja de forma mais ampla, idem, *Der höchste Gott: Alttestamentlicher JHWH-Glaube im Kontext syrisch-kananäischer Religion des 1. Jahrtausends v. Chr.* (BZAW 190; Berlin/New York: de Gruyter, 1990). Para a reconstrução de H. Rouillard, “*El Rofé en Nombres* 12, 13”, *Sem* 37 (1987), p. 17-46, que também trata Nm 12:13 com algum detalhe; veja abaixo, 1.3.2, n. 173; para Nm 12:13, cf. 2.2.5, n. 146.

⁸ W. Ebstein, *Die Medizin im Alten Testament* (repr. München: Werner Fritsch, 1965); cf. idem, *Die Medizin im Neuen Testament und im Talmud* (repr., München: Werner Fritsch, 1975); A. Gemayel, *L'hygiène et la médecine à travers la Bible* (Paris: P. Geuthner, 1932); A. Lods, “Les idées des Israélites sur la maladie, ses causes et ses remèdes”, em K. Budde, ed., *Vom Alten Testament*, p. 181-93 (= K. Marti Festschrift, BZAW 41; Berlin: Alfred Toppelman, 1925); P. Humbert, “Maladie et médecine dans l’Ancien Testament”, *RHPbR* 44 (1964), p. 1-29; C. Westermann, “Heilung und Heil in der Gemeinde aus der Sicht des Alten Testaments”, *Wz̄M* 27 (1975), p. 12-25; E. Neufeld, “Hygiene Conditions in Ancient Israel (Iron Age)”, *BA* 34 (1971), p. 42-66; H. Weippert, “Bad und Baden”, *BRL*², p. 30-33; W. Th. Im der Smitten, “Patient und Arzt: Die Welt des Kranken im Alten Testament”, *Janus* 61 (1974), p. 103-29; D. J. Simundson, “Health and Healing in the Bible”, *Word & World* 2 (1982), p. 330-39; idem, “Mental Health in the Bible”, *Word & World* 9 (1989), p. 140-46; D. W. Amundsen e G. B. Ferngren, “Medicine and Religion: Pre-Christian Antiquity”, em M. E. Marty e K. L. Vaux, eds., *Health/Medicine and the Faith Traditions: An Inquiry into Religion and Medicine* (Philadelphia: Fortress, 1982), p. 53-92 (esp.

abrangentes de W. W. G. von Baudissin e W. A. Jayne sobre deidades de cura e/ou ressurreição junto com a obra sobre Baal e o *rpum* como curador(es) de J. C. de Moor, admitem apenas uma interação limitada (ou nenhuma interação) com o material do Antigo Testamento.⁹ Os artigos em dicionários bíblicos e enciclopédia focam em geral as descrições técnicas das doenças e/ou *materia medica* atestada nas Escrituras,¹⁰ enquanto as entradas nos dicionários hebraicos e nos dicionários teológicos em sua maior parte tratam apenas o material do Antigo Testamento quando este

61-70); G. F. Hasel, “Health and Healing in the Old Testament”, *AUSS* 21 (1983), p. 191-202; J. V. Kinnier-Wilson, “Medicine in the Land and Times of the Old Testament”, em T. Ishida, ed., *Studies in the Period of David and Solomon* (Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 1982), p. 337-65; D. J. Wiseman, “Medicine in the Old Testament”, em B. Palmer, ed., *Medicine and the Bible* (Exeter: Paternoster, 1986), p. 13-42. Cf. também J. Scharbert, *Der Schmerz im Alten Testament* (BBB 8; Bonn: Peter Hanstein Verlag, 1955). Para mais referências à literatura na Bíblia e na medicina, veja A. Oepke, “ἰαμαί, etc.”, *TDNT* 3:194-95; A. Gelin, “Médecine dans la Bible”, *DBSup* 5:957-68; e observe a breve pesquisa histórica da literatura em Y. Liebowitz, “רפואה”, *EM* (Hebrew; Jerusalem: Bialik, 1976), 7:407-8, com bibliografia (p.424-25) enumerando a maioria das principais revistas e periódicos lidando com a história da medicina e cf. *Koroth* 9/1-2 (1985) e 9, Questão especial (1987), bem como a bibliografia compilada por M.-C. Sullivan em Marty e Vaux, *Health/Medicine*, p. 315-46. Veja também I. Jacob e W. Jacob, *The Healing Past: Pharmaceuticals in the Biblical and Rabbinic World* (Studies in Ancient Medicine, p. 7; Leiden: E. J. Brill, 1993), e mais amplamente, H. Schipperges, E. Seidler e P. U. Unschuld, eds., *Krankheit, Heilkunst, Heilung* (München: Karl Aber, 1978).

⁹ W. W. G. von Baudissin, *Adonis und Esmun: Eine Untersuchung zur Geschichte des Glaubens an Auferstehungsgötter und an Heilgötter* (Leipzig: Hinrichs, 1911); veja em especial p. 316-24, 385-90 e 397-402; W. A. Jayne, *Healing Gods of Ancient Civilizations* (reimp., New York: AMS Press, 1979); J. C. de Moor, “Rāpi’ūma—Rephaim”, *ZAW* 88 (1976), p. 323-45 (veja em esp. p. 336-37). Jayne não discute de maneira alguma o material bíblico.

¹⁰ Os representantes da abordagem principalmente médica são R. K. Harrison, “Healing, Health”, *IDB* 2:541-48; idem, “Heal”, *ISBE* 2:640-47 (este contém muito mais parágrafos de discussão teológica do Antigo Testamento que seu artigo anterior *IDB*); Liebowitz, “רפואה”, *EM* 7:407-25. Os artigos com orientação mais teológica são de H. Loewe, “Disease and Medicine (Jewish)”, *ERE* 4:755-57, e H. C. Kee, “Medicine and Healing”, *ABD* 4:659-64.

cruza com as raízes específicas em questão (principal *rp*³ e *blb*).¹¹ Entre as teologias do Antigo Testamento, o tratamento de Iavé como *rôpē*³ por G. von Rad, mal cobrindo duas (!) páginas, na verdade *destaca-se* por sua completude.¹² As importantes antropologias de L. Kohler e H. W. Wolff lidam brevemente — e quase exclusivamente — com as dimensões humanas da doença e cura.¹³ As influentes obras sobre a religião israelita de estudiosos como Y. Kauffman, W. F. Albright, G. Fohrer, H. Ringgren e W. H. Schmidt dão surpreendentemente pouca (ou nenhuma) atenção ao assunto em questão,¹⁴ e até mesmo as importantes reconstruções recentes da ascensão do monoteísmo javista por de Moor e M. S. Smith fazem apenas referência de passagem a Iavé como aquele que cura.¹⁵

¹¹ Cf. H. J. Stoebe, “רפא — heilen”, *THAT* 2:803-9; M. L. Brown, “רָפָא”, *TWAT* 7:617-25; W. White, “רָפָא, heal, make healthful”, *TWOT* 2:857; F. Stolz, “חלה—krank sein”, *THAT* 1:567-70; K. Seybold, “חָלָה, etc.”, *TDOT*, 4:399-409; C. P. Weber, “חָלָה”, *TWOT*, 1:286-87; cf. também M. L. Brown, *I Am the Lord Your Healer: A Philological Study of the Root Rp³ in the Hebrew Bible and the Ancient Near East* (dissertação de doutoramento, New York: New York Univ., 1985).

¹² G. von Rad, *Old Testament Theology*, trad. D. M. G. Stalker (New York: Harper & Row, 1962), 1:274-76. O assunto do Deus que cura não é tratado na obra resumida de G. F. Hasel, *Old Testament Theology: Basic Issues in the Current Debate* (4ª ed., Grand Rapids: Eerdmans, 1991). De acordo com Lohfink, “‘Ich bin Jahwe, dein Arzt’ (Ex 15,26)”, p. 14, “Die beiden Verse Ex 15,25f, die unser Satz abschliesst, spielen in Darstellungen der alttestamentlichen Theologie kaum eine Rolle”.

¹³ L. Kohler, *Hebrew Man*, trad. P. R. Ackroyd (London: SCM Press, 1956); H. W. Wolff, *Anthropology of the Old Testament*, trad. M. Kohl (Philadelphia: Fortress, 1974).

¹⁴ Y. Kauffman, *Toledot HaEmunah HaYisra'elit*, 8 vols. (Jerusalem/Tel Aviv: Bialik/Dvir, 1955-56; resumo para o inglês por M. Greenberg; Chicago: Univ. of Chicago Press, 1960); W. F. Albright, *Archaeology and the Religion of Israel* (5ª ed., Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 1968); idem, *Yahweh and the Gods of Canaan* (London: Althone Press, 1968); G. Fohrer, *A History of Israelite Religion*, trad. David E. Green (Nashville: Abingdon, 1972); H. Ringgren, *Israelite Religion*, trad. John Sturdy (Philadelphia: Fortress, 1966); W. H. Schmidt, *The Faith of the Old Testament: A History*, trad. John Sturdy (Philadelphia: Westminster, 1983).

¹⁵ J. C. de Moor, *The Rise of Yahwism: The Roots of Israelite Monotheism* (Leuven: Leuven Univ. Press, 1990), por exemplo, p. 225; M. S. Smith, *The Early History*

Tudo isso permanece em contraste com: (1) o papel proeminente desempenhado pelo Senhor no Antigo Testamento como aquele que cura, de importância óbvia para a teologia do Antigo Testamento;¹⁶ (2) o fato de as deidades de cura desempenharem um papel na vida religiosa dos vizinhos de Israel (e assim, por extensão, nas concepções religiosas de Israel);¹⁷ (3) a importância ligada à saúde e à fertilidade por praticamente toda cultura mundial, tanto antiga quanto moderna. Apenas considere a grande proporção de orações e petições que contêm pedidos por cura de enfermidades físicas (incluindo o “abrir” o ventre) e também por restauração da fecundidade agrícola (em especial em sociedades agrárias). Essas observações sugerem que o estudo sistemático de Iavé a *rôpê* é indevidamente negligenciado.¹⁸ Também é relevante o fato de uma das primeiras asserções dos autores bíblicos (a saber, Êx 15.26)¹⁹ — e uma que deve ter encontrado grande resistência politeísta e competição²⁰ — era que *só* o

of God: Yahweh and the Other Deities in Ancient Israel (San Francisco: Harper & Row, 1990), por exemplo, p. 119 (com referência a Ml 3.20[4.2] e Is 58.8). Veja também a nota 5 acima para a monografia de H. Niehr.

¹⁶ Cf. Kee, “Medicine and Healing”, p. 659: “Em todas as seções da Escritura judaica — o Pentateuco, os profetas e os escritos — a imagem de Iavé como aquele que cura é apresentada como um aspecto central do relacionamento de Deus com o povo da aliança”. Cf. também Hasel, “Health and Healing”, p. 200: “O fato de o Senhor ser ‘seu Deus que cura’ [...] é fundamental para a fé bíblica”; e veja Humbert, “Maladie et médecine”, p. 21.

¹⁷ A literatura do Oriente Próximo da Antiguidade reflete de forma consistente a união de religião e cura, ou seja, a unidade conceitual dos mundos natural e espiritual, ressaltando o papel da deidade como curadora.

¹⁸ A relativa negligência com esse conceito no estudo do Antigo Testamento permanece em contraste direto com a atenção dada ao assunto da cura divina e dos milagres no Novo Testamento; cf. recentemente H. K. Nielsen, *Heilung und Verkündigung: Das Verständnis der Heilung und ihres Verhältnisses zur Verkündigung bei Jesus und in der ältesten Kirche* (Leiden: E. J. Brill, 1987), com extensa bibliografia nas p. 269-83. É claro que os documentos do Novo Testamento, o ministério de cura de Jesus e dos apóstolos recebe enorme ênfase; cf. abaixo, cap. 5.

¹⁹ Essa ideia será debatida abaixo, 2.1., 2.2.1.

²⁰ Seybold, *Sickness and Healing*, p. 86, datando Êx 15.26 muito mais tarde na tradição bíblica, observe que: “a declaração confessional em Êx 15.26 é uma

Senhor tinha de ser o Deus que cura de Israel. Por essa razão, esse assunto pode ajudar a lançar luz no estudo da religião israelita em seu contexto mais abrangente do Oriente Próximo da Antiguidade.

0.2 METODOLOGIA

A abordagem deste estudo pode ser caracterizada como comparativa, canônica e conservadora. O primeiro capítulo, “Os médicos humanos e a cura praticada pelas deidades”, provê uma pesquisa comparativa dos textos relevantes da Mesopotâmia, Egito e, quando disponível, da Síria-Palestina da Antiguidade. A pesquisa considera a relação entre a medicina, a magia e a religião para determinar o papel do médico (ou sacerdote médico) na sociedade e cultura dos vizinhos de Israel. Na mente do Oriente Próximo da Antiguidade, as crenças religiosas e as práticas médicas eram totalmente interligadas.²¹ Assim, não causa surpresa o fato de que há considerável sobreposição funcional entre os termos acadianos *asû* (“médico”) e *āsīpu* (“exorcista, especialista em magia”)²² ou de que os textos do Oriente

documentação da provavelmente luta muito entediante nessa área [de conflito com a vida cananeia diária], e percebe-se o reflexo de uma vitória difícil e desgastante na declaração”. Cf. também Niehr, “JHWH als Arzt”, p. 3, que segue Lohfink, “Ich bin Jahwe, dein Arzt”, na datação de Êx 15.26 mais tarde na história religiosa israelita.

²¹ Sobre o assunto abrangente da relação entre a magia, a medicina e a religião, veja em geral I. Jakobovits, *Jewish Medical Ethics* (2ª ed., New York: Bloch, 1975), p. xxxi-xxxvi, 1-44; W. H. Rivers, *Medicine, Magic and Religion* (reimp. New York: AMS Press, 1985); H. W. Haggard, *Devils, Drugs and Doctors* (reimp. Boston: Charles River, 1980); C. J. S. Thompson, *Magic and Healing* (reimp. New York: Bell, 1989); cf. veja ainda A. D. White, *A History of the Warfare of Science with Theology* (reimp. Gloucester, Mass.: Peter Smith, 1978), 2 vols.; J. Neusner, E. S. Frerichs e P. V. M. Flesher, eds., *Religion, Science, and Magic* (Oxford: Oxford Univ. Press, 1989); S. J. Tambiah, *Magic, Science, Religion and the Scope of Rationality* (New York: Cambridge Univ. Press, 1990); J. H. Brooke, *Science and Religion: Some Historical Perspectives* (The Cambridge History of Science; New York: Cambridge Univ. Press, 1991; observe em especial o ensaio bibliográfico, p. 348-403).

²² Veja E. K. Ritter, “Magical-expert (= *āsīpu*) and Physician (= *asû*): Notes on Two Complementary Professions in Babylonian Medicine”, em H. G. Guterbock e T. Jacobsen, eds., *Studies in Honor of Benno Landsberger on His 75th Birthday* (AS 16; Chicago: Univ. of Chicago Press, 1965), p. 299-321.